



## MONSENHOR EXPEDITO NA CASA DO PAI

Faleceu dia 27 de setembro último, pela manhã, na Clínica Pio XI, Monsenhor Antonio Expedito de Barros Marcondes, canônico da Basílica Vaticana, encarregado da edição semanal em português do jornal "L'OSSERVATORE ROMANO", de 1980 até 2000 e grande colaborador do Programa Brasileiro da Rádio Vaticano.

Monsenhor Expedito nasceu em Botucatu-SP em 07.06.1927 e foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1950, na Igreja de Santa Efigênia, em São Paulo, pelo Emmo. cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, do qual foi secretário. Estudou no Seminário de Pirapora, de 1939 a 1943 e no Seminário Central do Ipiranga, de 1944 a 1950. Fundou a Banca Musical "SANTA CECÍLIA" e foi Professor de Latim, Matemática e Música no Seminário de São Roque entre 1952 e 1959. Foi Ministro de Disciplina e Professor de Pedagogia e Música no Seminário de Aparecida (1960/1963) e seu Reitor em 1963.



Mons. Expedito

Trabalhou nas paróquias de São João Batista, no Brás, de São José, no Belém e São Geraldo, nas Perdizes. Quando Dom Constantino Amstalden foi nomeado bispo de São Carlos, Monsenhor Expedito foi substituí-lo como Pároco Auxiliar na Paróquia do Divino Espírito Santo da Bela Vista. Foi Cônego da Basílica de São Pedro, apesar de ser mais conhecido como Monsenhor, desde 2001. Após dirigir a Congregação Mariana Feminina e por quatro anos as Pontifícias obras missionárias do Brasil, no tempo em que o Cardeal Agnelo Rossi era Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, se transferiu definitivamente para Roma, em junho de 1979, como secretário do purpurado. Em Roma foi também vigário colaborador, formador e reitor em três seminários e, ao mesmo tempo acompanhava os estudos do Tribunal Eclesiástico para a Causa dos Santos, no tocante à Causa de beatificação de Madre Paulina do Coração Agonizante.

Em 15 de janeiro de 2001 foi nomeado protonotário apostólico e no dia 18 de fevereiro foi feito membro do Cabido Vaticano.

Monsenhor Expedito nos deixa a lembrança de um grande amor pela Igreja, de disponibilidade ao serviço do Santo Padre e a de um sacerdote muito alegre, atencioso e solícito.

No dia 30 de setembro, em Roma, foram celebrados os ritos exequiais, e depois, seu corpo foi transladado para o Brasil, onde chegou no dia dois de outubro e após a Santa Missa celebrada por Dom Tomé Ferreira da Silva, Bispo da Região Episcopal Ipiranga, foi sepultado no cemitério São Paulo.

Todas as vezes que vinha ao Brasil participava de nossos encontros das 1ªs sextas-feiras e de nossas celebrações de final de ano.

Que Monsenhor Expedito, já recebido pelo Pai, interceda por todos nós!



Jantar na 1ª sexta-feira:  
Corazza, Perereca,  
Mons. Expedito e Gilberto



A doutrina católica - com base nos Evangelhos - sempre ensinou que Maria, a mãe do Salvador, esteve integrada nos acontecimentos históricos vividos por seu filho e ocupando um lugar especial no mistério da Redenção. E o Concílio Vaticano II, no ano de 1964, veio enfatizar essa verdade evangélica ao afirmar que, “de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por esse motivo, ela se tornou para nós mãe na ordem da graça”.

Nesse sentido, a liturgia procurou exaltar sua presença tão-somente como coadjuvante na realização do projeto divino de construir o Reino de Deus nesta realidade terrestre e na realidade celeste. Não sem razão, durante todo o calendário gregoriano são inúmeras as festas em honra de Maria, quer no Brasil, quer em todas as partes do planeta.

No Brasil, a principal devoção a Nossa Senhora se apresenta com características especiais em decorrência do próprio título atribuído por nós, brasileiros, com o qual ela é invocada: Nossa Senhora *Aparecida*, que é a marca registrada de sua originalidade.

É curioso observar que, em vários países, a devoção a Maria lhe confere títulos intimamente associados à cidade e à pátria onde seu nome é reverenciado. Assim, por exemplo, acontece com Nossa Senhora de Lourdes, que nos remete a uma pequena vila da França; Nossa Senhora de Fátima evoca-nos o vilarejo de Fátima, em Portugal; Nossa Senhora de Guadalupe nos lembra essa importante cidade do México; Nossa Senhora de Loreto, nos transporta até Loreto, cidade da Itália, nas margens do Adriático. E assim, em vários outros países.

Isso não acontece com o título de *Aparecida*. Na verdade, esse nome nos reporta singelamente a uma deserta curva do rio Paraíba do Sul, num espaço rural, obscuro e pobre, da antiga Capitania de São Paulo. A cidade de *Aparecida*, como a conhecemos hoje, não existia na ocasião em que a tosca imagem de Maria foi resgatada das águas do rio; ela surgiu várias décadas depois.

De igual modo, existe ainda uma outra peculiaridade: se o culto a Maria, sob os diferentes títulos referidos acima, está disseminado no mundo todo, a devoção à Senhora *Aparecida* é circunscrita apenas ao território brasileiro, como sendo uma propriedade exclusiva do povo que aqui vive. É mesmo possível que Nossa Senhora *Aparecida* seja ignorada no mundo todo, como, aliás, acontece com o nome de muitos brasileiros que são autênticos valores pátrios.

A essas peculiaridades da nossa Padroeira, podemos acrescentar a, talvez, mais significativa para a nação brasileira: enquanto as imagens das padroeiras de outras nações se apresentam com um esplendor fora do comum, a Senhora *Aparecida* é resgatada das águas sem nenhum esplendor, em forma de uma imagem singela e enegrecida, de terracota moldada por mãos também singelas e, possivelmente, enegrecidas, simbolizando a identidade do nosso povo.

Todos nós conhecemos a história do conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, governador da Capitania de São Paulo e Minas Gerais. A caminho de Vila Rica, hoje Ouro Preto, ele parou em Guaratinguetá onde a Câmara Municipal iria oferecer-lhe um banquete. Era o ano de 1717. Foi a propósito dessa homenagem que três humildes pescadores, encarregados de fornecer os peixes para o banquete, pescaram a imagem de Maria no lugar dos peixes. Aliás, diz a história que os peixes apareceram em abundância após o resgate da “santa”.

Esse fato é muito rico em simbolismo; certamente está envolvido no momento histórico em que vivia o Brasil naqueles tempos coloniais, dominado por uma aristocracia rural. Brasil colônia e intensa escravidão; imagem negra e ambiente rural, como o resto do território brasileiro. De um lado, o conde de Assumar, símbolo marcante da nossa sujeição à Metrópole portuguesa; de outro, a imagem resgatada das águas, simbolizando a raça negra escrava.

Seria esse acontecimento o sinal que prenunciava o alvorecer de novos tempos para o Brasil? Não seria a semente a germinar no seio do povo o ideal da liberdade e que, mais tarde, iria frutificar na proclamação da independência em 1822, passando um pouco antes pelo martírio de Tiradentes no ano de 1792?

A vertiginosa rapidez com que se alastrou a devoção à Virgem “salva” das águas - logo transformada em protetora dos escravos e desvalidos da época - nos permite fazer estas ilações de caráter religioso e político.

O extraordinário fluxo de devotos, ainda no período colonial, motivou a construção da primeira capela no ano de 1735; estava nascendo a cidade de Aparecida. A partir daí, a igreja passou a polarizar sempre mais a atenção do povo a ponto de ser necessário ampliar aquele espaço sagrado. Assim foi que, em 1834, apenas doze anos após a proclamação da independência do Brasil, foi construído o primeiro santuário, hoje conhecido como Basílica Velha, nessa mesma cidade. Estávamos, então, já nos tempos do Brasil império.



No período que se seguiu à edificação dessa basílica, cada vez mais se intensificava o culto à Senhora Aparecida, intensificando o fluxo de romeiros no santuário. Coincidentemente, nas décadas seguintes o movimento abolicionista conquistava significativos avanços na luta para acabar com a escravidão no país. Se não, vejamos: no ano de 1850 é extinto o tráfico negreiro; em 1871 é promulgada a Lei do Ventre Livre e, em 1885, a Lei dos Sexagenários. Finalmente, em 1888, a princesa Izabel decreta a famosa Lei Áurea. Todos esses fatos ocorreram no exíguo período de meio século a partir da existência do novo templo, permitindo

supor a grande acolhida da Senhora Aparecida pelo povo brasileiro, negro ou branco, livre ou escravo. É importante ressaltar - e, com certeza, não se tratou de mera coincidência - que a princesa Izabel, naquele mesmo ano da abolição da escravidão, visita pela segunda vez o santuário e deixa como ex-voto uma coroa de ouro cravejada de diamantes e rubis.

Logo em seguida, o Brasil entra na fase republicana que assiste ao culto da "Santa" entrar em um ritmo de crescimento sempre mais intenso, a ponto de o papa Pio XI, em 1931, declarar Nossa Senhora Aparecida Rainha do Brasil, título esse não muito condizente com aqueles novos tempos republicanos, não mais imperiais. No ano seguinte, o presidente Getúlio Vargas proclamou-a Padroeira do Brasil e Patrona da Capital Federal, naquela época sediada no Rio de Janeiro.

Como se pode notar, a devoção à Senhora Aparecida percorreu as três fases que forjaram a nossa brasilidade: suas raízes foram coloniais, floresceu e vingou no Império, frutificou na República. Não se manteve como refém dos colonizadores ou dos imperadores: fez-se "republicana" no mais autêntico significado etimológico do termo *res-publica*: a devoção como "coisa do povo".

Como que acompanhando de perto o desenvolvimento brasileiro, o culto reforçou nos corações e mentes do nosso povo o florescimento da consciência de um Brasil como Nação e como Pátria independente.

A devoção à Padroeira foi, pois, uma resposta aos anseios do brasileiro e que hoje envolve os pobres e os ricos, os doentes e os que têm saúde, os sábios e os ignorantes; todos, sem distinção. Seu caráter de brasilidade se apresenta como um símbolo que, a um só tempo, alimenta a nossa religiosidade para despertar em cada um de nós o desejo de persistir na luta de fazer do nosso país uma pátria mais justa e menos iníqua, onde todos - absolutamente todos - possam ter iguais oportunidades de participar e usufruir das riquezas concedidas por Deus a este nosso imenso território.

É dessa maneira que vejo o papel de Maria como colaboradora na missão de Cristo que, por meio dela, se fez homem para que "todos tenham vida, e a tenham em plenitude", como dizia o evangelista João.

Termino estas minhas reflexões trazendo uma invocação que os seminaristas costumavam cantar nos velhos tempos do Seminário do Ibaté. Essa invocação está inscrita sob o nicho instalado atrás do altar-mor da Basílica Velha de Aparecida que, durante muitos anos, abrigou a verdadeira imagem "pescada" no rio:

*"Ó Senhora da Conceição Aparecida, mostrai que sois a Padroeira da nossa Pátria e a Mãe querida do povo brasileiro. Abençoi, protegei, salvai o nosso querido Brasil".*

(\*) Attilio Brunacci, 74 (49/55) - Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb: 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. [brusfe@hotmail.com](mailto:brusfe@hotmail.com)

## NA CASA DO PAI

- JOSUÉ DA SILVA LEITE (49/53), colega nosso da turma pioneira de 1949 e que também inicialmente passou pelo Seminário de Pirapora desde 1946, faleceu em 09.09.2010. Padecendo de problemas pulmonares, estava sob cuidados médicos e internado em um hospital. Deixa viúva a Sra. Teresa, mais quatro filhos e inúmeros netos. Aos familiares nossas condolências.
- Em 27 de setembro último faleceu em Roma nosso professor MONS.ANTONIO EXPEDITO MARCONDES, aos 83 anos de idade. Ver nessa edição destaques sobre este acontecimento.



Alguém me disse: “Quem inventou as distâncias, não conhecia a saudade”.

Daqui, de uma pequena cidade francesa, alimento em mim as saudades dos meus trabalhos pastorais em São Paulo, na Amazônia, na Diocese de Bragança Paulista e, principalmente, as saudades dos meus amigos ibateenses, paroquianos, diocesanos, indígenas e selvícolas e de tantos muitos outros.

Quero agradecer ao *Echus do Ibaté* que, na edição de julho/agosto de 2010, fez uma referência à minha viagem missionária ao Japão. Nessa viagem, percorri inúmeras cidades para me encontrar com milhares de nipo-brasileiros e prestar-lhes os mais variados tipos de atendimento, seja pastoral, seja social.

Num relatório enviado à CNBB, registrei que a crise econômica atingiu em cheio o Japão. Conversei com uma brasileira, atualmente desempregada, que trabalhava na Xerox. Disse-me ela que só de sua firma foram despedidos 300 brasileiros em três meses. Perguntei quantos japoneses foram despedidos e ela respondeu: nenhum.

O governo japonês incentivou a volta dos brasileiros para o Brasil, pagando-lhes de três a cinco meses de seguro-desemprego e a viagem para o nosso País. Muitos regressaram. O governo fez o pessoal assinar essa ajuda financeira. Como eles não sabiam ler em japonês, assinaram sem saber tudo o que estava escrito. E nesse documento constava que aceitavam a deportação!!

De acordo com a estatística oficial do Ministério da Justiça do Japão, publicada no jornal *International Press*, em 2008 havia 312.582 brasileiros migrantes nesse país. Em 2009, esse total foi reduzido para 267.456, menos 14,44%. Em 2010, continua a volta para o Brasil. Não tenho dados oficiais. Essa realidade

não só afetou a vida econômica desses nossos irmãos, mas também as nossas comunidades católicas, tão vivas nas paróquias japonesas. Acrescente-se mais um problema: Uma nova lei japonesa estabeleceu que o operário devia trabalhar quatro dias e descansar dois, não mais levando em conta o sábado e o domingo. Portanto, não há mais o dia fixo de folga. Com tudo isso, o desfalque nas comunidades foi muito grande. Ótimos líderes partiram, seja para outras cidades do Japão, seja para o Brasil. Solicitei aos meus irmãos bispos brasileiros que dessem, através dos senhores padres, uma atenção especial a eles no Brasil, não só quanto à reinserção no nosso meio, mas também fazer que eles continuassem o bonito trabalho de evangelização. Muitos que começaram a se engajar no Japão não podem ficar “perdidos na multidão” no Brasil. Em janeiro deste ano tivemos um encontro aqui em São Paulo com os que voltaram ao nosso país. Eles estavam dispostos a continuar o seu trabalho pastoral, mas nem sempre contam como apoio dos padres.

O jornal francês *Lê Monde*, de 28 de julho de 2010, consagrou meia página para falar da crise japonesa que atinge os brasileiros, o terceiro grupo de migrantes, após a China e a Coreia. Terminou seu longo artigo dizendo que os japoneses continuam reticentes em abrir suas fronteiras, e não só por motivos econômicos. A imagem do estrangeiro, segundo o jornal, continua negativa em um país que se sente etnicamente homogêneo. Essa caça ao estrangeiro, sabemos, é sentida não só no Japão.

Depois de 25 dias de viagem missionária, retornei à França e fui parar na Diocese de Pontoise de onde escrevi estas notícias para o nosso *Echus*

A “vantagem” de ser bispo emérito consiste no fato de ter seus horizontes alargados que permitem a ele estar em disponibilidade para inúmeras outras atividades pastorais e sociais não mais circunscritas aos limites de uma determinada diocese. Em outros termos, o bispo emérito não tem mais o ônus de uma diocese, mas tem o bônus do episcopado. Naturalmente, é o tipo de bônus que precisa levar em conta - como é o meu caso - as limitações e os cuidados da saúde. Todavia, “tudo posso Naquele que me conforta...”

A Diocese de Pontoise fica a noroeste da França, a 40 quilômetros de Paris. Compreende 28 pequenos municípios, tendo à frente Dom Jean-Yves Riocreux, o bispo diocesano.

A convite de Dom Jean-Yves, meu velho amigo, fui parar numa de suas paróquias em uma cidade de 5.500 habitantes, chamada Magny-en-Véxin. Nesse convite estava implícito o pedido para atender esses municípios, como se fossem 28



Zé Maria e Attilio



Zé Maria, Dom Jean e Dom Gerard

comunidades, cada uma delas com uma igreja do século XI ou do século XII, etc. Uma maravilha da Idade Média. Sem padre, porém.

No dia 3 de setembro, na sede da Diocese de Pontoise, encontrei-me com Dom Gerard Verdier, bispo da Diocese de Guajará-Mirim (RO), de quem, por alguns anos, fui bispo auxiliar.

Dom Gerard trabalha no Brasil há mais de 40 anos e também trabalhamos juntos como missionários em outras paragens da Amazônia. Daí nasceu uma grande amizade que, graças a ela, fui conduzido ao episcopado para continuarmos juntos em Rondônia.

A foto registra o encontro do dia 3 de setembro na sede da Cúria Diocesana de Pontoise. Ao meu lado, Dom Jean-Yves Riocreux e Dom Gerard Verdier.

Desejo ainda incluir neste meu "artigo" um agradecimento especial ao Attilio Brunacci (o Tatu) e sua esposa Luzia. Em sua passagem pela Europa, tiveram a gentileza de estar comigo por três dias. Três dias maravilhosos, quando recordamos as peripécias do Ibaté e do Seminário Central do Ipiranga.

A foto ao lado, também no dia 3 de setembro, nas escadarias da Cúria de Pontoise, registra um "flagrante" que remonta aos tempos do que fazíamos com frequência nos recreios do Seminário de São Roque.

Obrigado, *Echus do Ibaté!*

(\*) Dom José Maria Pinheiro, 72, (51/57) Bispo Emérito de Bragança Paulista. [d.jmp@hotmail.com](mailto:d.jmp@hotmail.com)

---

---

## CAMPO SANTO

---

---

Antonio Jurandyr Amadi\*



São tão pequenos os grandes horizontes... Se distantes, estão ali tão próximos: o tempo de espocar de uma bolha... Cabem outros em poucos passos do olhar, uma janela que descortina, teimosamente, a imensidão de pervicaz vizinho silencioso.

Nele vejo luzes, vejo cruces,  
retratos de dores..., de horrores...,  
vejo flores de antigos amores,  
vejo o sol, o azul do céu,  
vejo nuvens brancas, pendentes como lustres do espaço,  
vejo seres em oração, petrificados na mudez do mármore,  
vejo lápides e epígrafes condensando histórias, numa biblioteca de armários  
de pedra... Histórias de ciúmes, de dor, de crimes e de amor...  
vejo lágrimas de cera escorrendo sobre a lousa fria ao calor de chamas  
fugazes como a vida,  
vejo, por vezes, o pranto da chuva sobre sementes germinadas que a  
voracidade do tempo descartou,  
vejo a procissão compungida de mais um noviço que aporta à solidão do  
claustro,  
vejo almas solitárias curtindo suas saudades,  
vejo altos muros zelosos da privacidade monacal dos que dormitam na  
quietude de suas pequenas celas,  
vejo a tristeza da escuridão da noite, ocultando tramas, incógnitas e  
mistérios...

Ouçõ o silêncio dessa trapista clausura, quebrado apenas por um longínquo e  
litúrgico cantochão, ciciado pelas folhas movidas pela brisa...

Ouçõ, de quando em quando, o choramingar baixinho dos pinheiros, de braços  
erguidos para os céus, em constante súplica ao Senhor da vida...

Desdobra-se então minha alma em porquês infindos, a lastimar-se dos tempos  
descurados e dos reais valores desdenhados...

Sei que há uma pequena cela esperando por mim ali...

Quando esse dia chegar, será finalmente o término do tempo, da distância e dos  
horizontes. Não se mensura o imaterial, nem a eternidade.

Que eu me dilua nesse momento na imensidão de Deus...

(\*) Antonio Jurandyr Amadi, 74 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e do latim. [jurandyr\\_amadi@hotmail.com](mailto:jurandyr_amadi@hotmail.com)

# BADALLANDUM



## OS IMORTAIS TAUBATEANOS



O nosso colega JOEL HIRENALDO BARBIERI (51/58) ganhou o Concurso para a escolha do "slogan" da Academia Taubateana de Letras, da qual é membro efetivo, ocupando a Cadeira nº 36, com a frase latina: PRO LITTERIS SEMPER. Em sessão solene da Academia foi homenageado, em 17 de agosto de 2010. O Acadêmico agradeceu a homenagem, demonstrou sua alegria por ser o vencedor e explicou a origem e o sentido do "slogan". O ECHUS DO IBATÉ, sempre atento, registra o fato e cumprimenta o colega, poeta e acadêmico (que na foto aparece ao lado de seu irmão, também da ATL, Alfredo Barbieri (49/53), ostentando o Medalhão da Academia.

## PADRE CIDO É NOVO CIDADÃO PAULISTANO

No dia 20 de setembro a Câmara Municipal de São Paulo concedeu o título de cidadão paulistano ao nosso colega ANTONIO APARECIDO PEREIRA, PE. CIDO (59/64), diretor do jornal O SÃO PAULO e vigário episcopal para o Vicariato da Comunicação Social.

Pe. Cido nasceu em Carmo do Rio Claro-MG em 30.09.1943. Foi ordenado sacerdote em 1971 pelo então arcebispo de São Paulo, cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Estudou comunicação social no Instituto Internacional para Estudos de Opinião Pública, em Roma, e formou-se em jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.

O título proposto pelo vereador Sineval Moura, *"é motivo de orgulho para nossa família, por nosso irmão "Tonho", dada a grande dificuldade que enfrentamos para chegar onde chegamos. Quero agradecer, principalmente à nossa mãe, que deve estar vendo essa homenagem, e ao nosso pai"*, disse João dos Reis Pereira, o irmão que falou em nome dos demais parentes.

Em sua fala de agradecimento Pe. Cido destacou que o título de cidadão paulistano *"está sendo dado a um padre de São Paulo. Eu me orgulho demais de pertencer a este clero que, aliás, tem o rosto da cidade que, por sua vez, tem o rosto do Brasil e do mundo. Eu me orgulho de pertencer a este grupo de homens consagrados a Deus e que se misturam com o povo da cidade e são para este povo sacerdotes, mestres e pastores."*

Ao Pe. Cido os parabéns de toda comunidade ibateana!



## JOSÉ WOLF É DESTAQUE EM EVENTO DE ARQUITETURA

Ocorreu em Recife, em 02 de junho último, o 19º Congresso Brasileiro de Arquitetos. A organização do evento computou mais de 3000 inscritos, entre arquitetos e estudantes. Um dos homenageados foi o arquiteto ACÁCIO GIL BORSOI, falecido em 04 de novembro de 2009. O nosso colega JOSÉ WOLF (50/58) participou do evento e foi um dos destaques. Eis o que foi dito no

<http://arqpb.blogspot.com/> sobre ele: *"O dono da noite foi mesmo o jornalista JOSÉ WOLF, amigo pessoal de Borsoi, que fez uma belíssima e emocionada declaração de amor à arquitetura nordestina. Foi aplaudido ao citar os nomes de arquitetos inesquecíveis como Alexandre Castro e Silva, Janete Costa, Vital Pessoa de Melo e Delfim Amorim; e ovacionado pela platéia ao final da sua exposição"*.



## O "SAMBA DO ARNESTO" EM LATIM

No dia 6 de agosto último, São Paulo celebrou o centenário do nascimento de Adoniran Barbosa.

Nosso *Echus do Ibaté*, fazendo coro a essa merecida celebração, publica em latim um dos mais conhecidos e cantados samba do nosso inesquecível sambista urbano: O "Samba do Arnesto".

### ARNESTI SAMBA

Cas cas cas cas....

Arnestus invitavit nos  
ad festum, qui vivit in Braz.  
Nos fuimus, nemo ibi aderat.  
Inde venimus, puta, rabbie affecti.  
Nos iterum ire ne fas.

Nequaquam dasipi nos!



Certa die Arnestum invenimus  
sese excusantem, nos non concordēs.  
Hoc ita non fit, Arneste!  
Venia jam orta,  
deceret enim posuisses  
monitum clarum in porta.

Cas cas cas cas....

Quem foi o autor dessa façanha? Uma incógnita. *Nemo scit* (êpa!).

A versão chegou à nossa redação pela internet (A todo momento, a gente está a receber cada coisa esquisita pelo correio eletrônico!). A mensagem identificando o autor da letra em latim era meio cabalística. Literalmente, dizia o seguinte:

### ENCONTRADO NO TÚMULO DE ADONIRAN BARBOSA

Da: CALÁBRIA, Ubicco, ITÁLIA, Frei Ângelo Sosceascia, OEI.

Sem dúvida, a versão saiu da fértil imaginação de algum ibateense que, passando-se por um frade com sobrenome estrambótico, deixou uma tênue pista: a sigla da sua falsa congregação religiosa: OEI, ou seja, *Ordem do Echus do Ibaté*.

Muito espirituoso, esse cidadão!

De qualquer maneira, mesmo incógnito, fez por merecer a publicação no nosso boletim.

## Foi um susto e nada mais...

A vida deu suas voltas e fez com que nosso amigo ALFREDO BARBIERI, um dos pioneiros do Ibaté, da turma de 1949, finalmente entrasse nos eixos. Pensava ele que podia sair por aí batucando e saracoteando de qualquer maneira, a torto e a direito, mas não: na marra ele teve que aprender que as coisas não poderiam mais continuar desse jeito. Tal aprendizado lhe custou um bocado de suores - seja nossa lição - mas daqui prá frente ele só vai sambar se for direitinho e no ritmo certo, atento e consciente que passou a ficar. É que a partir da metade de setembro, ele foi obrigado a um retiro lá no INCOR de São Paulo e agora ostenta um modernoso marca-passos em seu peito varonil. Salve-nos a boa medicina! Para ele, a vida agora é bem outra: outra cadência, outros movimentos, outras idéias, outras cachaças, digo, outras palavras... Não se preocupem os fãs, pois sua produção de textos, poesias, sonetos e trovas há de persistir... melhores mais ainda. Passou ele por momentos difíceis, mas com a ajuda de Deus e a torcida de todos nós, merecidamente saiu-se vencedor. *Viva tu e continua forte, amado Alfredinho, para a alegria de todos nós!* Eis abaixo a expressão de como ele mesmo metabolizou a marcante experiência.

## O PRIMEIRO SINAL

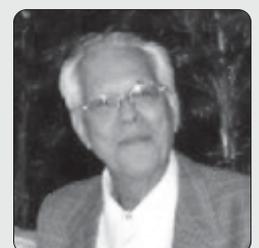
Quando vamos ao Teatro, a um Concerto, a uma atividade artística, para anunciar o início do espetáculo, há três sinais, com a finalidade de alertar a platéia que deve ir se acomodando em seus lugares e criando já a expectativa do evento e se dispor, para se integrar na grande apresentação.

Na vida, que é passageira, nos encaminhamos para o "Grand Finale", a grande evidência da eternidade, a volta da criatura ao Criador. Não seremos apenas expectadores, mas atores principais avaliados na nossa participação no existir. Como desempenhamos nossos papéis de seres humanos: fomos heróis ou bandidos? Acrescentamos algo de positivo à vida? Passamos pela vida ou vivemos? Neste mês primaveril de Setembro, o Anjo do Tempo fez soar o meu primeiro sinal, comunicando que o grande espetáculo da eternidade está a caminho.

Já posso, sem pressa, ir procurando o meu lugar, desligando os "celulares" das veleidades, apagando parte das luzes que possam tirar a concentração do essencial, limpando as lentes dos óculos das impurezas que me impeçam a visão nítida do amanhã.

Quando soar o segundo? Quando ouvirei o terceiro e último?

Só Deus na sua infinita sabedoria e misericórdia sabe.





Ele era de Botucatu e, de 1939 a 1943, foi aluno do saudoso Seminário de Pirapora. Era da mesma turma de Mons. Luciano Grilli, de Mons. Waldemar Marques Conceição e contemporâneo dos Padres Pascoal Amato, Pe. Tarcísio Geraldo da Silva, Pe. Luiz Gonzaga de Melo Camargo, todos também professores em São Roque, na primeira metade da década de 50.

De diálogos curtíssimos, Pe. Expedito era, por natureza, uma pessoa arredia ao riso e ao humor, seco no falar e, por vezes, cáustico nas críticas, sem todavia ser maldoso.

Foi durante vários anos meu professor de matemática e de canto gregoriano e, por incontáveis vezes, acolitei-lhe nas missas.

Tanto em seus tempos de seminarista como de professor, fez notória sua paixão pela música instrumental e coral. Participava da banda como maestro e como músico, neste último caso deixando a regência ao quase nonagenário Juca Bolinho, avô de meu colega de turma Luiz Alberto Corrêa da Silva. O coro da capela entretanto era de sua inteira competência.

Nas cerimônias da Semana Santa, grandiosamente celebrada naqueles tempos, na hora do Lava-pés, na dúvida sobre a higiene e odores dos pés dos lavandos, Pe. Expedito sapecava na água da jarra todo o conteúdo de um vidro de perfume Atkinsons, o que agradavelmente ressendia por toda a Capela. Afinal, naqueles anos, era-nos vetado o acesso a perfumes e os desodorantes inexistiam. As narinas tinham forçosamente de acostumar-se aos terríveis odores sudoríparos da grande platéia adolescente.

Guardo de Mons. Expedito lembranças de exposições antologias de riqueza coral, tanto em música sacra gregoriana quanto polifônica. No arcabouço silencioso de minha memória, ainda o vejo regendo o compungente "Popule meus" de Palestrina e, nas datas maiores do Seminário, o despertar com a Banda em alvoradas festivas.

Eu sempre me referia a ele como o "Padre geométrico", pela insistência com que usava, nas celebrações, de uma gesticulação ritual de linhas retas e curvas perfeitamente traçadas no espaço.

Tudo isso todavia inexoravelmente passou, levando junto nossos momentos de alunos. Somos história, se alguém a contar ou escrever... Mons. Expedito cumpriu religiosamente seu papel de formador e se, inconscientemente, deixava transparecer sua vocação ao solidéu, para o que jamais apresentaram-lhe um convite, faltou-lhe a oportunidade, não o mérito.

Entristeceu-me saber, por telefone, que ele partira para a Casa do Pai. É mais um elo de nossa história que se esvai e só tardiamente, na velhice, tornou-se-nos tão próximo, embora vivendo tão longe. Que pena!

Que ele agora na glória do Senhor, como servo bom e fiel que foi, receba a recompensa de seus méritos e vele por todos nós.

Descanse em paz, Mons. Antonio Expedito de Barros Marcondes, com a nossa imorredoura gratidão.

(\*) Antonio Jurandyr Amadi, 74 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e do latim. [jurandyr\\_amadi@hotmail.com](mailto:jurandyr_amadi@hotmail.com)

## RÉQUIEM PARA O JB! E VIVA O "ECHUS" !

José Wolf\*



Ao assistir ao "Bom dia, Brasil", no final de agosto, uma notícia me deixou, na condição de jornalista, com a pulga atrás da orelha quanto ao futuro da mídia impressa: a extinção das edições impressas do "Jornal do Brasil", que, a partir de agora, só será editado pelo sistema online.

Jornal, no qual, nos anos 60/70, depois de deixar o Seminário e a batina, tive o privilégio de trabalhar, sob o comando de Fernando Gabeira, autor do provocativo "Que é isso, companheiro?"

Ao participar de teste com vários candidatos de alto nível a uma vaga para o Departamento de Pesquisa do jornal, que funcionava num eclético edifício da avenida Rio Branco, no Rio, mais tarde demolido, fui aprovado, apesar do puxão de orelha: - Oi, Wolf, você é muito metafísico, mas gostei de seu texto sobre a Academia Brasileira de Letras. Portanto, você está aprovado.

No canto de uma sala de cerca de 50 metros quadrados, estava uma mesa com a máquina de escrever

Olivetti, frente à qual estava eu numa época inocente da *datilografia*, quando jamais poderíamos imaginar o surgimento da era digital ou, quem sabe, da era da telepatia imaginada por alguns visionários.

Devo, enfim, a aprovação à bagagem cultural que trazia do Seminário do Ibaté e da Filosofia, com o apoio, principalmente, do Pe. Pascoal Amato. Que, um dia, enquanto era reprovado na prova de Latim, me elogiava pelo texto *"Viva a primavera"* escrito para a prova de português, quando meu deu dez.

Isso me estimulou a escrever o texto *"Gravata branca"*, que, apesar de toda minha timidez, acabei declamando numa das sessões solenes do Grêmio Literário Pio XII, arquivo salvo pelo ibaetano Getúlio Vieira.

À semelhança do Seminário do Ibaté que nos possibilitou conhecer figuras ilustres, como o guerreiro Darcy Corazza, um dos adeptos da *"Teologia da Libertação"*, que tanto incomodou a Santa Sé. Além de conhecer os bispos e arcebispos dom Antônio Maria Siqueira, Vicente Zioni, Paulo Rolim e o cardeal da Arquidiocese de São Paulo, Carlos Vasconcelos Motta, amigo do presidente Juscelino Kubitschek, idealizador da capital Brasília, o JB foi para mim uma epifania: uma revelação.

Através dele, acabei me cruzando com ícones da cultura e da mídia brasileira dos anos 60, 70 e 80. Entre tantos: o cineasta Gláuber Rocha, idealizador do chamado "cinema novo", autor do fantástico *"Deus e o diabo na Terra do Sol"*. O jornalista Alberto Dines, que revolucionou a mídia impressa brasileira, nos anos 80. O pensador cristão Alceu de Amoroso Lima, o cartunista Henfil e o polêmico Paulo Francis da equipe do revolucionário *"Pasquim"*. E com as atrizes Leila Diniz e Norma Bengell, que arrasou no filme *"Os cafajestes"*, de Rui Guerra. Com o poeta Ferreira Gullar, que escreveu em parceria com outros autores a peça: *"Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come"*. O ex-seminarista Heitor Cony, autor de *"O Ventre" Além*, do arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lucio Costa, que projetaram Brasília. E, inclusive, com Renato Machado, ex-ator, enólogo brilhante e um dos âncoras atuais do *"Bom dia, Brasil"*, da TV Globo.

Para simplificar: a notícia sobre a extinção da edição impressa do JB deixa uma indagação preocupante: afinal, qual é o futuro da mídia impressa, da qual faz parte o nosso "Echus"?

Informativo impresso dos ex-alunos do Seminário do Ibaté, que graças ao idealismo de uma equipe guerreira (Fiorovante, Guarnieri, Attilio, Furnaleto, Polesi, Beta, Barbieri, Francisco Fierro) e à coragem do mandí Wilson Mosca, do competente Cosso, do Careca, do Toschi e do sensível José Justo, ainda resiste, como nosso "alter-ego". Que, ao surgir, em 1993, há 17 anos, com cara de folhetim xerocado (vejam o primeiro exemplar, novembro de 1993) nos conjuminou, livrando-nos do ostracismo ao qual estávamos condenados, como possíveis dinossauros de uma época que passou, cronologicamente, mas que permanece em nossas mentes e corações!

(\*) José Wolf, 73 (50/58) jornalista profissional, trabalhou no "Jornal do Brasil", no "O Estado de S. Paulo" e na "Folha de S. Paulo" e na Editora Pini, sendo cofundador, com o Arq. Mário Sérgio Pini e Haifa Sabbag, da Revista AU-Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é coeditor do boletim do IAB-Instituto de Arquitetos de São Paulo. db\_rep@hotmail.com

---

---

# Photantiqua

---

---

Nossos caçadores de relíquias descobriram que devido a tão grande saudade e boas lembranças que ela invoca, esta fotografia foi encontrada zelosamente protegida por embalagem especial, lá na cidade de Itapevi-SP, residência oficial de nosso colega ibateano JOSÉ NOVAES (1958/60). Após muita conversação e a apresentação de vários documentos e garantias, sob forte esquema de segurança puderam aproximar-se do inigualável tesouro. Desafio para nossos leitores, a mente inteira se contorce ao tentar decifrar os nomes todos dos fotografados. E em vão, pois sua experimentação é quase que apenas emotiva e espiritual. De toda sorte, podemos aí identificar o próprio José Novaes, além de Darcy de Moraes Pupo, João Bosco da Silva, Belmiro Bolognesi e Nílío Antoninho Vieira. E, evidentemente, a figura ímpar do aí empoeirado Monsenhor Constantino Amstalden e como eram todos no mais prestigiado espaço futebolístico, em 1958.



## MENSAGENS RECEBIDAS

De Jose Jorge Peralta (58/59) - ECHUS DE UM TEMPO CONTÍNUO. Caríssimo Wilson Mosca. Já recebi o ECHUS DO IBATÉ. Deve ter chegado no começo da tarde. Logo que o vi, tratei de o ler. Está muito bom, como sempre. Espero que a má notícia das finanças em queda lembre a turma para colaborar mais. Eu deverei enviar minha contribuição logo mais. O ECHUS é um forte eco do tempo que não passou. Todos, tenha certeza, que estão muitíssimo gratos à dedicada equipe de beneméritos que consegue fazer chegar às nossas mãos essa preciosa leitura, que é também um elo de ligação entre o passado, o presente e o futuro. A todos, vocês vão distribuindo muitas alegrias, e a certeza de que tudo na vida vale a pena, quando a alma não é pequena. Bem hajam os obreiros da vinha do Senhor. Tenho a certeza de que este trabalho é para vocês, uma oração alegre e irradiante de simpatia, por compartilharem com todos a vossa fraternidade. Bem hajam, repito. Um grande abraço a todos: ao Mosca, ao Cosso, ao Attílio, ao Toschi e o Justo, e a todos os demais colaboradores. Espero que o blogue: [www.imate-sp.blogspot.com](http://www.imate-sp.blogspot.com), possa vir a ser de fato, mais um *passo de nossa união*, como augurou o grande companheiro Alfredo Barbieri. Então vamos fazer juntos o nosso site. Esse é um espaço aberto a todos. Cordiais saudações! São Paulo-SP, 23.08.2010 [josejorgeperalta@gmail.com](mailto:josejorgeperalta@gmail.com)

De Wilson Cândido Cruz (59/64) - Olá, meu caríssimo amigo Wilson, *Sursum corda!* Aleluia!!! Alegria, alegria!!! Acabo de receber o Echus nº 109 nesta tarde. O tão esperado informativo do Ibaté tardou um pouco, talvez para deixar-me ainda mais esperançoso. E veio como a providência divina: "ela tarda mas não falta", como diz o grande amigo e compadre Isaías quando se refere a mim. E todo recheado de novidades, muito boas notícias: O excelente texto do nosso amigo José Moreira querendo resgatar o ensino da Língua Latina acatando a sugestão do Letterio Santoro; a justa e merecida nomeação do estimado amigo Pe. Antonio Aparecido Pereira, o nosso Pe. Cido, como Vigário Episcopal para a Pastoral da Comunicação; a homenagem aos 93 anos de vida do querido Pe. Noé Rodrigues, meu professor de Matemática e Padrinho de Crisma em 1968 em Aparecida; as importantes viagens de Dom José Maria Pinheiro; o recém-eleito Francisco Aparecido Cordão, meu colega do Seminário do Ipiranga, como presidente da Câmara de Educação Básica; o texto sobre a pedofilia na Igreja elaborado pelo Antonio Paulo da Costa Carvalho; a poesia sobre reminiscência da infância do caro amigo Getulino; o "Domingo" decisivo do amigo escritor e poeta, o meu xará Edson Cruz; o "Futebol e a Coesão Nacional" de José Jorge Peralta, *et ita porro...* Wilson Mosca, meus agradecimentos por sua carinhosa atenção e consideração. Um abraço *ex corde!* São Paulo-SP, 23.08.2010 [wilsonc.cruz@uol.com.br](mailto:wilsonc.cruz@uol.com.br)

De Sergio José Schirato (51/57) - Prezado Wilson bom dia! De fato hoje estou muito feliz junto à minha família. Uma família maravilhosa que me dá muita saúde do corpo e do espírito. E agora estou ainda mais feliz, pois, já tenho uma netinha linda que adoro. Fazer setenta anos é uma grande graça. É o dia que o Senhor fez para mim e para toda a minha família e para todos os amigos. Sempre tenho o maior apreço pelo jornal que vocês me mandam, pois sempre traz recordações agradáveis dos anos que passamos juntos em São Roque. Obrigado pelo esforço de toda a equipe. E obrigado pela sua gentileza de se lembrar de meu aniversário. Um grande abraço. São Paulo-SP 02.09.2010 [sjschirato@uol.com.br](mailto:sjschirato@uol.com.br)

De Benedicto Luiz de Oliveira Martins (54/57) - Amigo Wilson Mosca. Lembrar-me do Ibaté é algo que sempre faço e me vem à mente... está me faltando apenas a atitude de ir até vocês para abraçá-los num abraço cordial e fraterno...afinal passamos longos anos de nossa adolescência juntos e ainda não perdemos o contato...você me driblou muito no futebol mas eu o admirava sempre, bem como, a seu irmão. Hoje, receber um

email seu e em nomes de todos os colegas é um presente que não esperava, mas aceito com carinho, amor e recordação e lhes agradeço. Que Deus esteja sempre perto de todos vocês e os encham de bênçãos Divinas. Abraços. Guararema-SP 27.09.2010 [blomartins@uol.com.br](mailto:blomartins@uol.com.br)

De José Moreira de Souza (55/59) - Estou muito triste com a notícia do falecimento de Monsenhor Expedito. De Expedito eu tentei vida toda imitar o empenho do professor. Preparava todas as aulas, tanto em São Roque, quanto no Seminário Filosófico de Aparecida; recebia diariamente os exercícios e os devolvia corrigidos na aula seguinte; revia a matéria ministrada em cada aula; destacava o que merecia ser fixado e o que era acessório. Era vocacionado como mestre, em latim, matemática e música. Ah! A música, como maestro pudemos acompanhá-lo desde São Roque até a Basílica de Aparecida. Ressoam agora os ecos da Missa de Requiem que ensaiamos sob sua batuta, belíssimo gregoriano: In memória aeterna erit Justus! Requiem aeternam dona ei, Domine, et in lux perpetua luceat ei! Abraço a todos. Belo Horizonte-MG 27.09.2010 [josemoreira@superig.com.br](mailto:josemoreira@superig.com.br)

De Sérgio José Schirato (51/57) - Faz dias que tenho procurado falar com Mons. Expedito pois estava preocupado com a ausência dele. Ele sempre mandava e-mails com mensagens muito bonitas. De repente, não mandou mais nada. Mandei e-mail ainda na semana passada perguntando-lhe como estava. Nenhuma resposta. Liguei para o apartamento dele, ninguém atendia. Tentei falar com o irmão dele aqui em São Paulo e também aí ninguém atendia. E agora me deparo com este comunicado da Arquidiocese que você teve a gentileza de repassar aos ibateanos. Muito obrigado. Mons. Expedito foi muito marcante em nossa vida do seminário, não foi? Se me não engano, ele foi para São Roque em 52. E acredito que ele esteve lá durante toda minha permanência - até 58. E ultimamente mantive bastante contato com ele, tanto em Roma, onde nos encontramos algumas vezes, como aqui em São Paulo. No ano passado ele e o irmão dele vieram almoçar aqui em casa. Faz alguns meses ele me escreveu que viria a São Paulo muito rapidamente, só para preparar a festa de 60 anos de sacerdócio que seria na Paróquia de N. Sra. Do Brasil. Que pena! Mas o Senhor que é nosso Pastor sabe da hora de cada um de nós. A festa dele será no Céu. São Paulo-SP 27.09.2010 [sjschirato@uol.com.br](mailto:sjschirato@uol.com.br)

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Monsenhor Expedito não foi apenas um grande mestre e um grande maestro. Foi, também, um grande amigo. De todos os nossos mestres, ele foi aquele que fazia questão de participar da Turma do Ibaté, embora residindo em Roma. Sempre que vinha a São Paulo, nos procurava. Sentava-se à mesa conosco, não como um professor, mas como um de nós. Era visível a alegria que sentia, quando estava entre os antigos alunos dos seminários de São Roque e Aparecida. E visível era a nossa alegria, por tê-lo entre nós. Foi uma perda que não só neste momento iremos sentir. Mas, nossa fé nos dá o consolo e a esperança de, um dia, voltarmos a estar em sua companhia. Eu, particularmente, tinha o privilégio de desfrutar da amizade que ele e a família dele sempre tiveram com os meus pais. Sua tia, Da. Mathilde, era amíssima de minha avó. Ele foi Pároco Auxiliar na minha Paróquia, quando Dom Constantino (que exercia essa função depois que deixou o Seminário) foi nomeado bispo. O que dava a ele a liberdade de, num dos últimos encontros que tivemos, nem me dizer boa noite, indo direto ao assunto, furioso, dede em riste: -"Não gostei do que você escreveu no Echus do Ibaté". Tudo acabou em vinho, é claro. "Et lux perpetua luceat ei". Ah! Ele era, também, um colaborador do Echus do Ibaté, fazendo seus donativos, sempre que possível. São Paulo-SP 30.09.2010 [paulo.toschi@uol.com.br](mailto:paulo.toschi@uol.com.br)



## NOMES FOFOS

A mulher ia andando pela rua e encontrou uma linda menina.

- Qual o seu nome? - perguntou ela.

- Meu nome é Margarida.

- Que lindo nome.

- Mamãe me deu esse nome porque, quando eu nasci, caiu uma margarida no meu berço.

A mulher continuou andando e vê outra criança linda.

- Qual é o seu nome, repetiu ela.

- Meu nome é Rosinha, porque quando eu era bebezinha caiu uma rosa no meu berço

A mulher ficou encantada. E logo viu um menino.

- Qual é o seu nome?

O garoto todo torto respondeu

- Armário

(\*) José Lui, 74 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978, administra o Cemitério Gethsêmani-Anhanguera em São Paulo-SP [roselui@picture.com.br](mailto:roselui@picture.com.br)

## PARÓQUIA DAS TROVAS

### TEMA: NOSSA SENHORA APARECIDA

Ó Senhora Aparecida,  
mãe celeste, mãe gentil,  
abençoa-nos nesta vida  
e protege o teu Brasil!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Ó Senhora Aparecida  
mãe do povo brasileiro  
progresso e amor consolida  
num futuro alvissareiro!

Alfredo Barbieri (49/53)

Virgem Mãe Aparecida,  
plena de encanto e de luz,  
por que em teus braços, querida,  
não vejo um negro... Jesus?!...

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Virgem santa Aparecida,  
sob o olhar da Mantiqueira,  
protegei, ó Mãe querida,  
nossa pátria brasileira.

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Nós, seus filhos protegidos  
pela graça, Aparecida,  
não seremos abatidos;  
Nossa alma é bem nutridal!

Antonio Carlos Corrêa (64/67)

Envie-nos você também  
a sua trova



## Para-choque do Caminhão do Ubaté

**PARDAL QUE SEGUE JOÃO-DE-BARRO  
VIRA AJUDANTE DE PEDREIRO.**



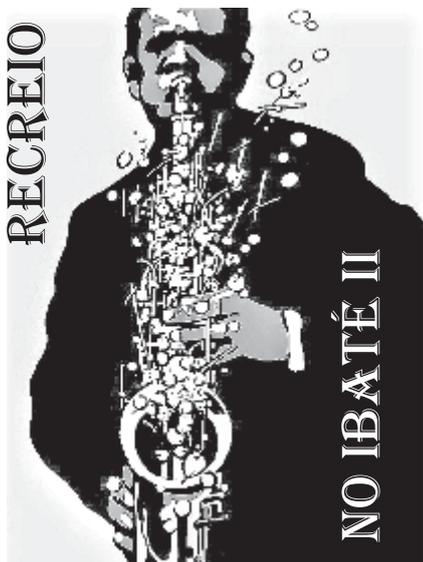
## Novo encontro dos Amigos do Ipiranga!

Francisco Cordão, coordenador dos encontros dos Amigos do Ipiranga, comunica que no dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República, uma segunda feira, será realizado o 17º ENCONTRO DOS AMIGOS DO SEMINÁRIO DO IPIRANGA, lá no antigo Seminário Central do Ipiranga, atual Centro Universitário Assunção-UNIFAI, Av. Nazaré, 993. O evento transcorrerá das 8:00 às 17:00 horas.

Durante o mês de outubro será enviada aos ex-alunos já cadastrados uma correspondência com a programação do encontro e com a ficha de inscrição para mais este encontro.

Cordão solicita aos já cadastrados em eventos anteriores que, se souberem de colegas de qualquer época que estudaram no Seminário Central e que nunca participaram dos encontros, peçam para entrar em contato com ele pelo email [amigosdoipiranga@terra.com.br](mailto:amigosdoipiranga@terra.com.br).

Quanto mais novos colegas localizados, mais o encontro será coroado de êxito.



Aos ouvidos dos colegas Francisco Fierro e Antônio Correa, o Careca, chegou a notícia de que o *Echus do Ibaté* estava com as pernas bambas, com os dias contados e quase fechando as portas. Isto é verdade. Os recursos de que se dispõe em caixa mal dariam para a cobertura de despesas com o papel para os próximos números. Vich, mãe! Alguma coisa deveria ser feita urgentemente, pensaram os dois ibateanos. E partiram destemidos para a ação. Frente ao grande sucesso do CD *RECREIO DO IBATÉ*, desde o encontro de 2007, além das campanhas de arrecadação de fundos de sobrevivência providenciadas junto a todos os colegas, (parece que o pessoal tem se esquecido de que toda nossa organização vive à base de contribuições voluntárias!) eles decidiram apostar num segundo volume. Começou assim a nascer o *RECREIO NO IBATÉ II*. É dia e noite de intenso e delicado trabalho. Nossos leitores já tomaram conhecimento desta empreitada e ansiosamente aguardam a segunda metade de novembro, ocasião em que será divulgado o seu lançamento, por meio de mensagens eletrônica, mas que também haverá de ser matéria para a próxima edição deste *Echus*. É quando poderão fazer suas reservas e encomendas para ricamente presentear a si mesmo e a seus amigos e parentes no próximo Natal. Realmente, um

magnífico presente, pois o conteúdo deste álbum duplo está muito bom, bem melhor que o primeiro. Traz quatrocentas músicas em Mp3 (sabe o que é isso, camarada? Quatrocentas músicas!!!), muito bem editadas e escolhidas a dedo, uma a uma, de modo a satisfazer os corações e os ouvidos mais exigentes com música popular, nacional e internacional, de ótima qualidade e que abrange um período de cinco décadas. (Num carro, por exemplo, numa viagem... numa longa viagem. Ou mesmo num fim de semana... você será inundado por divinos sons. Pense nisso!) Não percam, então, por pacientemente aguardar o nascimento desse que será seu grande companheiro por um longo período de tempo e que lhe trará muita alegria e ótimas recordações. Seus amigos vão adorar o presente!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.09.2010	
<b>POSIÇÃO EM 31.07.2010</b>	<b>7.656,97</b>
<b>ENTRADAS</b>	
Contribuições e doações	1.370,00
Juros	86,35
<b>TOTAL ENTRADAS</b>	<b>1.456,35</b>
<b>SAÍDAS</b>	
Postagem Echus 109	875,30
Impresso Echu 109	950,00
Kalunga cf 8541 - envelopes	37,27
Despesas Bancárias	19,80
<b>TOTAL SAÍDAS</b>	<b>1.882,37</b>
<b>SALDO ATUAL 31.05.2010</b>	<b>7.230,95</b>
<b>Tesoureiros:</b> <b>Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca</b>	

### AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas, no período de 01.08.2010 a 30.09.2010, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio da Aparecida Simões Cudio, Dionisio Leite da Costa, Francisco Fierro, Geraldo José Melo Fernandes, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Gomes Pinheiro, José Novaes, Mario Renato Raso, Paulo Rabelo Corrêa, Paulo Roberto Holanda Antero, Rivadavia Betim, Roberto Olimpio Abreu, Rocco Antonio Evangelista, Rubens Facioli e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

### EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a *Turma do Ibaté*.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira, Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Corrêa, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Augusto José Chiavegato, Jaime Pina da Silveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Dom José Maria Pinheiro e José Wolf.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com

Site: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Blog do Ibaté: [www.imate-sp.blogspot.com](http://www.imate-sp.blogspot.com)

E-mail do Blog do Ibaté: [imate.sp@gmail.com](mailto:imate.sp@gmail.com)

"Palavra de Seminarista" (livro): [www.paulo.toschi.blog.uol.com.br](http://www.paulo.toschi.blog.uol.com.br)

Fotoblog (fotos do Ibaté): [www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br](http://www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br)

Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>

Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ

([www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm-723696](http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm-723696))

Diagramação/Impressão:



**CONEXÃO** - (11) 3903.9697  
propaganda

Tiragem: 1.000 exemplares.